

Grupo dos 24 diz que expansão mundial não reduziu crise da dívida

por Celso Pinto
de Berlim Ocidental

A economia mundial está crescendo, mas de forma desigual: boa parte dos países em desenvolvimento não se tem beneficiado desta expansão. O problema da dívida externa não diminuiu em função desta conjuntura e a perspectiva de um aumento na inflação e nos juros dos países ricos poderá agravar ainda mais a situação.

Estas advertências estão contidas no documento aprovado, a nível técnico, ontem, pelo chamado "Grupo dos 24", que reúne os países em desenvolvimento dos três continentes (Ásia, África e América Latina). No sábado, os ministros destes países, presididos pelo ministro da Fazenda do Brasil, Mailson da Nóbrega, deverão divulgar um documento que seguirá, na quase totalidade, o texto ontem aprovado.

O Grupo dos 24 examina temas e faz sugestões para as políticas do FMI e do Banco Mundial (BIRD). Neste ano, dois itens novos se somaram à agenda, ambos em relação ao BIRD. Pedem-se uma renovada atenção do Banco a políticas que possam aliviar a pobreza absoluta e discutir-se a questão de suas políticas em relação ao meio ambiente.

O BIRD, durante toda a gestão de seu ex-presidente, Robert MacNamara, ficou caracterizado pelo esforço de alívio da pobreza. As duas gestões seguintes, contudo, desviam a instituição desta rota para privilegiar seu papel como agente de desenvolvimento e até intermediário na solução da dívida externa.

O Grupo dos 24 resgata a discussão sobre a pobreza absoluta, lembrando que há 1 bilhão de pessoas neste estado no mundo (metade na Ásia). Pede-se programas específicos do BIRD, mais atenção na preservação dos gastos sociais e exorta-se o FMI a evitar impactos negativos através de suas políticas.

MEIO AMBIENTE

No caso do meio ambiente, o que existe é um reflexo da crescente pressão e preocupação sobre este tema no BIRD. Não só o Banco tem dado mais ênfase à preservação como tem sido submetido a forte pressão para fazê-lo. Nesta reunião de Berlim, isso é um fato gritante: ainda ontem, grupos conservacionistas faziam manifestações na principal praça da cidade, reclamando contra a devastação da Amazônia e os efeitos que empréstimos do BIRD do setor energético brasileiro terão sobre a ecologia. A tarde começou a "Conferência Internacional dos Cidadãos sobre BIRD, ambiente e Povos Indígenas" que se desenvolverá até sábado, paralela aos eventos do encontro oficial e com a participação de vários brasileiros.

O Grupo dos 24 reconhece a importância da preservação, mas pede que isso se faça sem a imposição de condicionalidades pelo Banco e sim por um diálogo com os países envolvidos. A ressalva se explica em função dos problemas que vários países têm enfrentado, especialmente o Brasil, para liberar empréstimos no BIRD em razão de estritas exigências ambientais. O documento pede, também, a criação de linhas es-

pecíficas de crédito para esta área.

DÍVIDA EXTERNA

Quando analisa a questão da dívida externa, o Grupo dos 24 ressalta que, apesar da melhora em alguns indicadores, o problema não está perto de nenhuma solução duradoura. Pede-se atenção a programas de redução da dívida pelos bancos privados, com apoio de países desenvolvidos e instituições multilaterais, e um fluxo mais consistente de créditos de bancos oficiais. O processo voluntário de redução da dívida não é suficiente, segundo o documento. E programas mais ambiciosos devem contar com a liderança de países desenvolvidos.

Como tem acontecido sistematicamente nos últimos anos, o Grupo dos 24 pede uma nova emissão de Direitos Especiais de Saque (DES), de US\$ 30 bilhões. Defende, também, que se dobrem as cotas do FMI no exame que deverá ser feito até abril de 1989. É feita, também, uma exortação para que o FMI trate de forma flexível o delicado problema do atraso, hoje de treze países, em pagamentos à instituição.

O documento do Grupo dos 24 serve como uma tomada de posição coletiva para as reuniões dos dois comitês principais de assessoramento: o Interino (para o FMI) e o de Desenvolvimento (para o BIRD), onde os países mais ricos têm maioria assegurada. Historicamente, tem sido muito pequena a receptividade dos Comitês às idéias dos países menos desenvolvidos, mas alguns pontos permitem, eventualmente, uma ponte para novas iniciativas.

TENSÃO

Na reunião deste ano, marcada pela tensão, um dos fatores inibidores a qualquer mudança mais séria é a eleição presidencial norte-americana. Além disso, a preservação de uma taxa de crescimento maior do que a esperada, a relativa estabilidade nas taxas cambiais e as ameaças ainda incipientes de subida na taxa de inflação formam um ambiente relativamente tranquilo para os países mais ricos — que, de fato, dão o tom do encontro. A tensão, no caso, não vem da economia, mas de Berlim. Antes mesmo de começar o encontro, grupos extremistas alemães (a Facção do Exército Vermelho) atentaram contra a vida do secretário do Tesouro da Alemanha, Hans Tietmayer, agrediram o diretor-executivo alemão no FMI e prometem novos atentados.

Berlim, uma cidade marcada, ciclicamente, por manifestações agressivas e conflitos de rua com a polícia, está especialmente alerta: o número de policiais quase dobrou e as medidas de segurança têm sido muito rigorosas. Não se pode chegar sem crachá ao saguão central do aeroporto, nem muito perto do Centro Internacional de Congressos, onde o encontro está sendo feito. Helicópteros varrem a cidade de ponta a ponta, algumas vezes ao dia, e há guardas em profusão em todos os hotéis principais. Mesmo assim, espera-se que, no domingo, uma enorme manifestação de rua, promovida por organizações conservacionistas e esquerdistas, gere alguma confusão perto da reunião do FMI.